

Uma Experiência de Vida na Palestina Ocupada ¹

Joana Villaverde ²

Agradeço o convite que me foi feito pelo MPPM para estar aqui neste dia internacional de solidariedade com o povo palestino.

Devo talvez começar por apresentar-me e tentar explicar o que me leva, o que me levou a amar a Palestina.

Sou artista plástica, não sou nem política, nem diplomata, nem historiadora, nem economista, nem académica. Sou de alguma forma mais livre.

Ao caminho para chegar à liberdade chamo-lhe resistir. E é duro. É a resistência, a força, a coragem, o calor do povo palestino, a sua não condescendência, que me ligam à Palestina e portanto ligaram também o meu trabalho.



O amor normalmente não se explica, ou explica-se mal, tem-se!

O meu projecto intitulado ANIMALS' NIGHTMARE é sobre resistência. É sobre ser artista hoje e resistir. É sobre a Palestina.

Não vos vou contar ao pormenor o meu projecto, seria talvez longo, vou tentar contar o que vivi.

A Qattan Foundation acolheu-me como artista residente em Ramallah durante dois meses, Junho e Julho deste ano. Dois meses difíceis para a Palestina.

Chego a Portugal com o corpo e o coração ligado aquele lugar, julgo que para sempre. O meu projecto artístico, mudou, claro que mudou, foi por isso que lá quis ir, queria saber se estava no caminho certo. Não estava.

Os meus dois meses na Palestina foram intensos, intensos na atenção. Foram dois meses que vivi, experienciei a dureza, o que é passar checkpoints: os já marcados, os conhecidos; deparar-me com os chamados flying checkpoints, os que aparecem sem aparente explicação, os que vão sendo espalhados por toda a Cisjordânia. Nos checkpoints as pessoas são tratadas como gado pronto a abater. Os checkpoints são fronteiras inventadas por Israel para limitar os movimentos aos palestinos.

¹ Intervenção no Seminário Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino, realizado em 29 de Novembro de 2014, no Fórum Municipal Romeu Correia, em Almada, organizado pelo MPPM, pelo CPPC e pela CGTP-IN, com o apoio da Câmara Municipal de Almada e do Inovinter

² Joana Villaverde é artista plástica, reside em Aviz, e fez uma residência artística em Ramallah, em Junho e Julho de 2014, a convite da Qattan Foundation

Vivi a falta de liberdade, vivi a restrição de movimentos, vivi a dor, vivi o som de helicópteros todas as noites a sobrevoar a minha cabeça, vivi as horas de falta de sono, vivi o estar alerta. Vivi a importância de ser solidário, a importância de estar ao lado.

Aprendi que naquele lugar não há nenhum conflito.

Aprendi que naquele lugar há uma força ocupante e um povo ocupado.

Aprendi que Israel é um estado colonialista, como foi Portugal até ao 25 de Abril.

Aprendi que a Palestina ainda existe, não foi dizimada como foram os índios na América, porque na Palestina existe resistência.

E tive a certeza que o mundo é muito pequeno.

Aprendi que os seres humanos não têm todos os mesmos direitos. Que a Declaração Universal dos Direitos Humanos escrita em 1948 não serve a todos.

Aprendi que o valor da vida, o peso da vida humana, muda, altera-se consoante o lugar onde se está.

Aprendi que a vida humana será igual para todos quando esse lugar se chamar solidariedade.

Em Jenin ouvi tiros à noite, porque é assim. Porque Jenin todas as noites recebe visitas de militares israelitas que ali têm uma das suas bases. Vão em treino. Disparam.

Em Hebron vi ruas por onde os palestinianos não podem passar, porém moram nessas ruas. Como os bichos, para sair de casa, saem pela janela das traseiras ou pelo telhado.

Vi que há diferentes estradas em todo o território, as estradas para palestinianos, as que mudam o seu percurso consoante os checkpoints que por aí se possam encontrar. São estradas de difíceis acessos a maior parte das vezes e por onde qualquer curta viagem de 20 km dura horas.

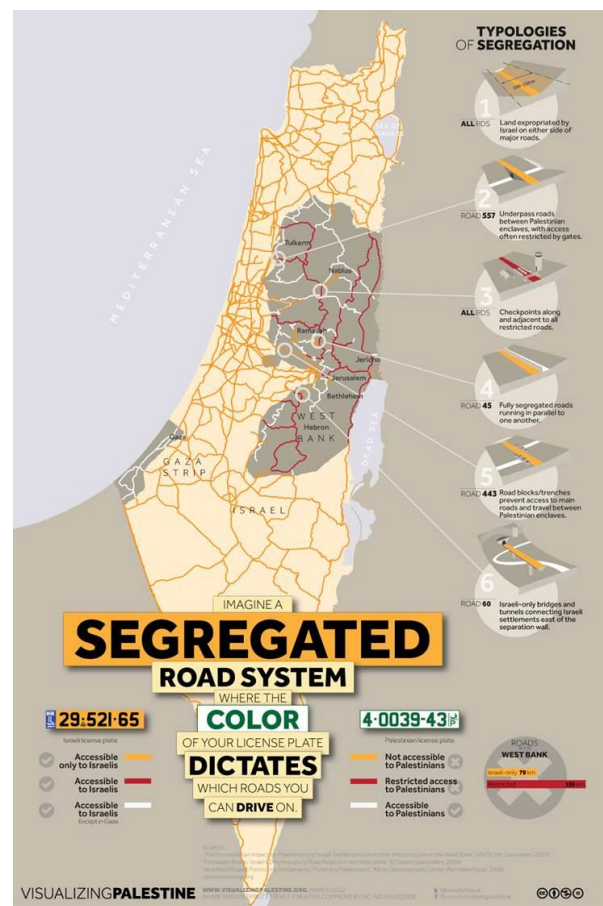
As estradas mistas, possíveis à circulação de palestinianos e israelitas.

Condições mais fáceis, talvez as compare às nossas estradas nacionais.

E por fim, as estradas exclusivas a israelitas, comparáveis às nossas A1, A2, e por aí fora, consideradas portanto para cidadãos inteiros.

Isto que descrevo passa-se geograficamente, não em Israel, mas sim na Cisjordânia dentro das fronteiras de 1967.

Numa viagem a caminho de Salfit (povoação que segundo a Wikipédia é uma cidade “israelense”) para ver o jogo de futebol Alemanha – Portugal, o carro onde ia foi apedrejado por uma pedra vinda de um autocarro de colonos.



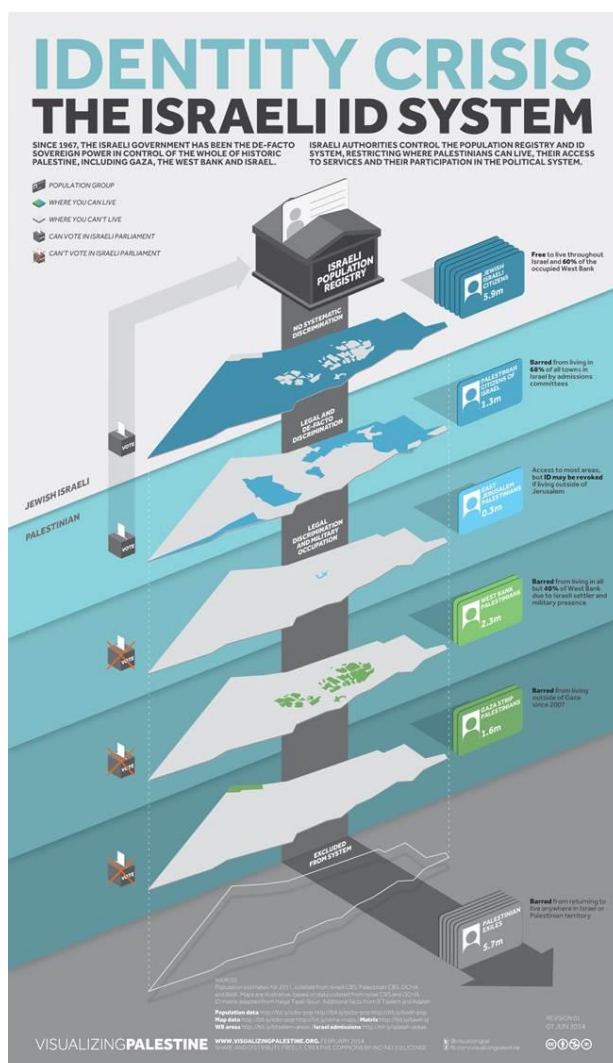
Estrangeiros não são bem-vindos. Os colonos não gostaram da nossa presença. Salfit é uma pequena povoação a noroeste de Ramallah dentro das fronteiras de 1967. É uma povoação rodeada de colonatos, é ver no mapa.

Mas o mapa, o Google Maps tem pouco, não se vê a Palestina, a Cisjordânia.

Quando se vê, vê-se o fim da estrada. Acabou o colonato, acabou a estrada, acabou a terra e acabaram as pessoas. Acabou o Google Maps.

Dormi uma noite no campo de refugiados Al-Arroub. Depois de jantar brincámos todos ao jogo do lobo. Acolheu-me uma família grande e bonita.

Ouvimos música tocada pelas crianças e por Nour, que toca e ensina Alaúde a crianças em Belém. Longa a noite, fiquei a ouvir Suad, a avó, um neto ficou enroscado a dormir nos seus braços. Suad contou como foi a viagem em 1948 desde a sua terra, uma povoação a sul de Jaffa, até ao exílio. A ONU forneceu as tendas a montar em Al Arroub, o campo de refugiados, onde hoje ainda vive. Suad contou como se abrigavam do frio, como fazia a mãe para as crianças não terem frio no inverno. Depois, como subiam os panos da tenda no verão, para arejar, para que entrasse ar. Suad fez, e tem hoje com ela, duas pequenas reproduções, duas maquetes das tendas, para não se esquecer, disse. As tendas do campo de refugiados, com o tempo foram-se convertendo em casas construídas com o material por ali possível de arranjar. Hoje, em 2014, esta família, como mais de 6 milhões de refugiados, vive à espera de voltar a casa.



Em Jerusalém só pode entrar quem tem identificação de “Jerusalmita”.

A maioria dos Palestinos não tem, não pode entrar. Nenhum dos Palestinos com quem convivi em Ramallah, e no resto da Cisjordânia, pode entrar em Jerusalém.

Em Jerusalém assiste-se a toda a hipocrisia. Em Jerusalém, as armas, o uso de armas, são uma pequena banalidade.

Em Jerusalém jovens da idade das minhas filhas carregam ao ombro enormes G3s como se fosse a mochila da escola.

Em Jerusalém só israelitas judeus têm plenos direitos. Um Palestino, com identificação de Jerusalém, não pode, não lhe é permitido o direito de voto.

Jerusalém e Israel, estão longe, muito longe de ser uma democracia.

Israel ocupa ilegalmente territórios. Israel não trata todos os seus cidadãos da mesma forma. Israel humilha, discrimina homens, mulheres, crianças.

Porque a sua religião não é a mesma, porque

a cor não é a mesma, porque a cultura não é a mesma, porque a história não é a mesma. Israel é hoje um estado colonialista. Israel é hoje um estado racista.

No dia 25 de Julho fui a Jerusalém, como fui muitas outras vezes. Sou estrangeira, posso. Passei Qalandia, o checkpoint mais duro e feio de se passar em toda a Palestina. Qalandia estava cheia, teria centenas de militares israelitas armados até aos dentes.

Queria ir a Jerusalém, queria ir à livraria mais linda que encontrei, a Educational Bookshop, queria tentar descansar, fui. Apanhei o 18, o autocarro que passa...passa, quer dizer... deixa os passageiros no checkpoint e espera-os do outro lado: os que conseguiram passar, voltam a entrar; os que não conseguiram, NÃO.

O 18 faz os 15 km de distância entre Ramallah e Jerusalém. Saí junto à porta de Damasco, na cidade velha. O cheiro era insuportável, não havia sequer pessoas na rua. Quem estava na rua como eu tapava bem a boca e o nariz. O cheiro estava desde o dia anterior espalhado por todas as ruas de Jerusalém leste. Na livraria, o Imad, gerente da Educational Bookshop explicou-me: ontem a policia israelita atirou canhões de água podre, água do esgoto para cima das pessoas, os manifestantes contra a ocupação, contra o bloqueio, contra o ataque a Gaza.

Se houvesse uma estrada Ramallah - Gaza, se os Palestinos pudessem cruzar território israelita, a distância Ramallah - Gaza seria aproximadamente de 80 km. A Haya, uma amiga que ganhei na Qattan Foundation, é de Gaza, tem família em Gaza. Se a Haya pudesse ao menos entrar em Gaza, direito que lhe é negado pelo bloqueio, demoraria um dia a chegar: primeiro teria que sair de Ramallah para chegar à Jordânia; da Jordânia atravessar o golfo de Aqaba para o Egipto e do Egipto até Gaza. SE...

E é assim que os Palestinos são tratados, e é assim ...

Fui a Telavive/Israel. Vi uma cidade a precisar de ajuda psiquiátrica, uma esquizofrenia no ar, nem no médio oriente me encontrei. De repente aterrei em Miami, e vi como é fácil criar uma cidade bolha, uma cidade propaganda, que a mim muito pessoalmente me meteu nojo, nojo de nojo. Deu-me vômitos. Procurei rapidamente o autocarro para sair dali e não vomitar para cima de algum inocente.





Fui para solidificar as minhas ideias em relação ao meu projecto artístico, sabendo que de lá sairia sem saber responder às minhas questões: o quê? como? com que força? o que move um artista daquela parte do mundo?

As perguntas que faço neste projecto são impossíveis de responder: o que é que move, com que força, onde a vai buscar um artista, um criador duma parte do mundo sempre em guerra desde

que nasceu.

Pensei que pudesse responder. Não posso. Não posso porque não vivo na Palestina, porque não sou palestiniana e porque o meu olhar será sempre um olhar de fora, um olhar exterior. No entanto, quanto mais avanço no trabalho, mais perto fico. Mais perto fico no sentido de estar ao lado. Mas ao lado não significa estar dentro.



Fico mais perto de saber que ficarei sempre de fora.

Aprendi que de fora posso muito, ou posso alguma coisa, porque com o meu trabalho trago o assunto a outros. Com ele trago um pouco da Palestina a Portugal, e talvez consiga dar um

pouco a conhecer do que se passa nos nossos dias na Palestina. E assim em Março de 2015 exponho ANIMALS' NIGHTMARE, este projecto que nasceu em Avis, vila norte Alentejana, onde vivo e trabalho. Avis, o Alentejo, o Mediterrâneo, as oliveiras, o calor, as pessoas, a cultura. Toda a paisagem me parece tão semelhante, tão perto da Palestina, que vou tentar juntá-las.



Seda, north Alentejo



Artas south of Bethelém